

O capitalismo como fenômeno históricoⁱ

Rosângela de Lima Vieira

Fernand Braudel (1902 – 1985) foi membro da *École des Annales*, um grupo de pensadores franceses que transformou a historiografia no século XX.

Não vamos aqui fazer uma biografia de Braudel, até porque as duas existentes dão conta perfeitamente de contextualizar o historiador em sua própria época. Faremos apenas inicialmente uma apresentação de suas principais obras.

Seu primeiro trabalho redigido no ano escolar 1921/22, como exigência para receber o diploma de História, intitula-se *Les débuts de la Révolution Française à Bar-le-Duc*. Do período na Sorbonne, o próprio Braudel afirmou ter poucas coisas a serem lembradas, no entanto há um aspecto digno de destaque: “... *conservei uma só lembrança agradável: o ensino de Henri Hauser. Ele fala uma linguagem diferente da nossa, professores, a de uma história econômica e social; maravilhosamente inteligente...*” (Braudel, 1992a, p. 6). Observa-se o interesse, desde a sua formação, por um novo tipo de história econômica.

A primeira grande obra, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Filipe II* foi resultado de mais de 20 anos de pesquisa em muitos arquivos. Curiosamente, foi redigida de memória nos quatro anos de cárcere durante a Segunda Guerra e enviada em cadernos a Lucien Febvre, por intermédio da Cruz Vermelha.

Em 1947, dada a redação final – principalmente para incluir as notas – Braudel apresenta este trabalho na Sorbonne como tese de doutoramento. A recepção da banca conservadora não poderia ter sido diferente. Braudel foi acusado de haver escrito uma tese de geografia.

Lançada em 1949, a obra recebeu críticas em relação: à sua estrutura tripartite, ao determinismo, a algumas posições sobre a falência da burguesia, à importância mínima dada à Batalha de Lepanto e à lacuna em relação aos valores e mentalidades coletivas. (Cf. Burke, 1991, p. 51-54). No entanto, o sucesso de *O Mediterrâneo* superou as críticas. As diferentes durações temporais, a história total e a importância do espaço na história foram apontadas como algumas de suas qualidades. Lucien Febvre aponta a obra como revolucionária no uso da palavra “política” e do seu significado, e ao colocar o quadro histórico e geográfico numa nova concepção que dá espaço tanto às forças permanentes como às de movimento de conjuntura e aos acontecimentos. Por tudo isso ele considera o livro um manifesto. (Cf. Febvre, 1989, p. 253-4).

O livro narra a história do Mar Mediterrâneo que, segundo Braudel, concentra grande parte da história antiga, moderna e contemporânea. Nele, Braudel apresenta uma abordagem diferente do passado utilizando aquelas categorias que irão ser sua marca: a longa, a média e a curta duração temporal.

Um novo projeto de estudo foi concebido em parceria com Lucien Febvre para a coleção “Destinos do Mundo”; contudo com a morte do mestre em 1956, Braudel desenvolveu sozinho a empreitada da história econômica da Europa pré-industrial e a parte relativa ao pensamento e às crenças daquele período nunca foi realizada. O livro *Civilização material e capitalismo* foi publicado em 1967.

Destacam-se na estrutura desse livro as diferentes durações temporais e seus conceitos de civilização material, de economia e de capitalismo. Esses conceitos coincidem com os três andares de seu edifício histórico. No térreo fica a vida material. Para ele, “*uma vida elementar que contudo não é inteiramente suportada, nem sobretudo imóvel.*” (Braudel, 1970, p. 10). No plano intermediário localiza-se a vida econômica “... *calculada, articulada, emergindo como um sistema de regras e necessidades quase naturais.*” (Ibid., p. 10). E no plano superior, “... *o jogo capitalista, mais sofisticado e que se intromete em todas as formas de vida, ou econômica ou material, desde que estas se prestem, pouco que seja, às suas manobras.*” (Ibid., p. 11).

Entretanto Fernand Braudel percebeu no transcorrer do trabalho a necessidade de ampliar seus objetivos para o estudo da vida material dos séculos XV a XVIII e escreve uma nova obra em 3 volumes: *Civilization matérielle, économie et capitalisme*, publicada em 1979. Antes do lançamento, Braudel realizou em 1977 três conferências nos Estados Unidos, como uma síntese dessa trilogia. Nestas palestras, publicadas com o título *A dinâmica do capitalismo*, estão as suas conclusões de trinta anos de investigação a respeito da história da economia ocidental.

No primeiro capítulo, Braudel comenta o plano geral da obra *Civilização material, economia e capitalismo* e detém-se especificamente no primeiro volume, intitulado “As estruturas do cotidiano”, em que conceitua vida material e interliga-a ao cotidiano.

No segundo capítulo de *A dinâmica do capitalismo*, “Jogos de trocas”, Braudel distingue economia de mercado e capitalismo, a partir de seu segundo volume. Braudel, também descreve os caminhos percorridos por várias sociedades, tanto ocidentais como orientais, bem como aquelas suas características que facilitaram ou dificultaram o desenvolvimento do capitalismo.

No terceiro capítulo – correspondente ao último volume de *Civilização material, economia e capitalismo* e denominado “O tempo do mundo” – Braudel preocupa-se com o “andar superior”, ou seja, com fluxos e refluxos da economia em escala mundial. Fernand Braudel conclui com três aspectos do capitalismo: a) este, se não existe em escala mundial, ao menos aspira ao mundo inteiro; b) ele apóia-se obstinadamente em monopólios; c) o capitalismo tenta abarcar toda a economia e todas as atividades da sociedade.

O conjunto da obra de Braudel é bastante extenso pode-se falar certamente em mais de três mil páginas. Neste curto espaço nos referimos apenas às mais relevantes para nosso objetivo.

Nosso estudo tem como objetivo explicitar método historiográfico braudeliiano e demonstrar que este proporcionou inovações significativas no conhecimento histórico. Em outras palavras, a tarefa central foi mostrar “como” Fernand Braudel produziu sua obra e, conseqüentemente, seu posicionamento frente ao conhecimento histórico.

O método historiográfico

A concepção de historiografia de Braudel tem em sua base uma postura metodológica empirista, sem modelos *a priori* de interpretação, que realiza ilações seguindo os indicativos das próprias fontes. Em nosso percurso, também seguiremos a postura de Braudel em ouvir as fontes. E nossa fonte é a própria obra de Fernand Braudel.

Em primeiro lugar detectamos inovações na escolha das fontes e no trato com elas. Seu repertório de fontes é vastíssimo. Tudo poderia ser uma fonte histórica diante de seu original repertório de questões, desde que devidamente balizado. São reformulações metodológicas como essas, empreendidas com a matéria-prima do historiador, que garantiram seus avanços qualitativos na produção historiográfica.

Os próprios fundadores dos *Annales*, Lucien Febvre e Marc Bloch, distinguem três premissas a respeito de fonte histórica: necessidade de ampliação do conceito de fonte; crítica ao documento deve ser profunda; e o que importa realmente são as perguntas a serem feitas à fonte.

E quanto a Fernand Braudel, qual seria seu pensamento sobre as fontes? Braudel não tratou especificamente da questão das fontes históricas em nenhum texto. É possível, todavia, de seus escritos inferir seu posicionamento, tendo os pressupostos apresentados acima como suporte de reflexão.

Constatamos o primeiro aspecto abrindo qualquer volume de *O Mediterrâneo* ou de *Civilização Material, Economia e Capitalismo* nos quais há em média 250 referências de

fontes em cada capítulo. Da quantidade salta a diversidade. Fernand Braudel possuía uma visão bastante alargada de fontes: obras historiográficas; teses e pesquisas não publicadas; cartas, documentos, obras e jornais do período estudado; livros de memórias; obras consagradas da literatura, filosofia, geografia, de outras áreas do conhecimento e de diversas correntes de pensamento.

Outro índice da importância das fontes para Braudel revela-se no fato de ele ter colocado nas últimas edições de *O Mediterrâneo*, como anexos, suas relações de fontes. São mais de sessenta páginas, divididas em três partes: fontes manuscritas, cartográficas e impressas. Na primeira constam os documentos dos arquivos espanhóis, franceses, italianos, do Vaticano, de Ragusa, de Antuérpia, da Polônia e muitos outros. Os mapas vêm divididos em duas grandes seções: atuais e antigos. Quanto às fontes impressas, Braudel faz três grandes distinções: as grandes publicações documentais, as obras essenciais e a lista alfabética das obras citadas nos textos e nas notas.

A iconografia também está sempre presente como fonte historiográfica nas obras de Fernand Braudel, como o uso de mapas antigos, figuras, quadros, tapeçarias e outras ilustrações pertinentes ao conteúdo por ele desenvolvido. Tomemos como exemplo a obra *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, com mais de vinte figuras em cada capítulo. Pode-se perceber que a presença delas além de ilustrar tem também a função de fonte, pois possibilita ao historiador uma descrição rica em detalhes e minúcias. Nota-se também que ele observou outras obras iconográficas, que embora não estejam reproduzidas no livro, lhe serviram de fonte.

O outro aspecto do trato com as fontes, a crítica, Braudel explicitou-a abertamente. A muitas delas fez crítica declarada, no próprio texto; por exemplo, quando usa documentos de época, não aceita seu conteúdo *ipsis litteris*, mas busca o significado profundo deles.

Também faz crítica àqueles historiadores que confiam demasiadamente nos documentos com os quais trabalham: “A descoberta maciça do documento levou o historiador a crer que, na autenticidade documentária estava toda a verdade.” (Braudel, 1992a, p. 46).

O terceiro aspecto a se observar na obra de Braudel é o vasto repertório de questões colocadas às fontes. A própria noção do tempo com diferentes durações, a busca da totalidade do objeto estudado e a introdução da história da vida cotidiana já o induziram a perguntas originais. Deste modo, conseguiu ultrapassar as questões tradicionais: “o quê?”, “como?”, “quais as causas e conseqüências?” etc.

A exuberância das fontes em quantidade e diversidade leva Braudel a uma interpretação empirista dos fenômenos, ou seja, não se enquadra em teorias ou esquemas previamente determinados, mas é norteadas pelas próprias fontes.

Da postura empirista decorre o método comparativo, uma vez que a história trata de fenômenos sociais que não permitem experimentação como as ciências naturais. Neste particular Braudel diferencia-se de Marc Bloch, pois faz história comparativa e não história comparada. Há uma sutil diferença entre elas: enquanto esta se trata de um método cujo objetivo consiste na própria comparação, a história comparativa apresenta-se como um instrumental para dar credibilidade às análises e conclusões.

A história comparativa aparece em suas obras de duas formas: compara a mesma região em diferentes temporalidades; e diferentes regiões em épocas simultâneas, próximas ou equivalentes.

Constatamos também que ele utiliza em larga escala a comparação de dados quantitativos por meio de inúmeras tabelas. O uso constante de dados quantitativos surge como decorrência do método comparativo, uma vez que dados numéricos facilitam a comparação. O mesmo acontece com outros tipos de estudos de Braudel, como no caso de seus estudos demográficos. A história demográfica braudeliana insere-se em sua história quantitativa e, por conseguinte em sua história comparativa.

Em Braudel, o método comparativo surge como condição para a produção da “*história científica possível*” (Uma lição..., 1989, p. 59), principalmente para a história da longa duração. Em outras palavras: diante da realidade subjetiva das ciências humanas e portanto da história, Braudel vê o método comparativo como um instrumento do pesquisador para alcançar a cientificidade possível.

Na metodologia braudeliana, a concepção de diferentes temporalidades é questão fundamental. Certamente, a história feita pelos *Annales* já inovara na concepção do tempo histórico. Todavia é Braudel quem ocupa o lugar central na nova formulação do tempo. Segundo Jean Leduc (1999), o tempo em Braudel é marcado pelas noções de complexidade, relatividade e interioridade. Sabemos que ele empregou três diferentes temporalidades: longa, média e curta duração. Em cada uma das obras essas durações se modificam de acordo com o tema de estudo.

O processo de construção de uma nova concepção de tempo teve seu primeiro passo em sua postura crítica diante da cronologia tradicional, o que já se evidencia no texto “Les Espagnols et l’Afrique du Nord de 1492 a 1577” de 1928, em que apresenta uma cronologia própria para seu estudo. Braudel faz história a partir de problemas e de

questões. A cronologia utilizada não leva em conta somente fatos e eventos. Suas periodizações nascem a partir dos objetivos e problemas por ele propostos e não apenas dos marcos temporais tradicionais. Isso implica em diferentes durações, de acordo com o fenômeno estudado. São sempre múltiplos os marcos temporais.

Na construção do conceito de tempo, Braudel avança ao perceber diferentes velocidades no processo histórico. Isso é visível em suas “aulas” aos companheiros de prisão durante a Segunda Guerra. Delas restou um caderno de anotações, cuja publicação está em *Les ambitions de l'histoire* (Braudel, 1997). O texto há a conceituação de história de Braudel e aparecem termos que se tornarão constantes em sua noção de tempo. São expressões como: “grande e profunda história” e “evolução lenta das estruturas” que anunciam o conceito de “longa duração” do tempo histórico.

Sua concepção de diferentes temporalidades já se encontra expressa no primeiro prefácio da obra *O Mediterrâneo*, em 1946. Ao distinguir as três partes da obra, como três cortes temporais, o historiador explica-as:

“Chegamos assim a uma decomposição da história em planos sobrepostos; ou, se se quiser, à distinção, no tempo da história, de um tempo geográfico, de um tempo social, e de um tempo individual. Ou ainda, se se preferir, à decomposição do homem num cortejo de personagens.” (Braudel, 1995a, vol. 1, p. 25-6)

A partir de *O Mediterrâneo*, a concepção de tempo com três dimensões sobrepostas passa a ser a estrutura básica de todas as suas obras. E da obra *Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV a XVIII* destacamos dois outros aspectos das temporalidades braudelianas: ritmo e velocidade. Ambas caracterizam as mudanças ou as não-mudanças. Assim, o tempo é um instrumento de observação, dividido como necessário para explicar os diferentes níveis sociais e econômicos: a vida cotidiana, o mercado e o capitalismo.

No texto “História e Ciências Sociais – a longa duração” Braudel argumenta em favor da interdisciplinaridade a partir da dialética das durações temporais. A crítica principal em relação às ciências sociais consiste no fato de que elas “*por gosto, por instinto, talvez por formação, tendem a escapar à explicação histórica*” (1992^a, p. 54). No entanto é justamente a consciência do tempo, possibilitada pela história, que poderá auxiliar o diálogo entre as ciências humanas. Para Braudel é a história que estabelece o ponto de contato entre estas ciências. Articular o tempo, seja em relação ao passado ou ao

tempo presente que cada área do conhecimento humano necessite, é indispensável para a identidade de cada uma e também para a interdisciplinaridade.

Finalmente pode-se afirmar que a especificidade da narrativa em Braudel não é apenas uma questão de estilo, mas um aspecto constitutivo de seu método. Paul Ricoeur, na obra *Tempo e Narrativa* – baseado no estudo da obra *O Mediterrâneo* – defende a tese de que há uma derivação indireta do saber histórico a partir da *inteligência narrativa* e que parte significativa do sucesso das obras de Fernand Braudel se deve ao fato de ele ter desenvolvido esse tipo de inteligência.

Nas primeiras décadas do século XX, a narrativa histórica de cunho positivista passou a ser questionada, pois trazia como seus personagens apenas os heróis e os reis. Todos os outros homens eram deixados à margem da história ou, no máximo, faziam pano de fundo para os “grandes personagens”.

Paul Ricoeur comenta o esforço da historiografia francesa para romper com a história tradicional. Isto significava uma ruptura também com o conceito de acontecimentos, com a história factual, individual e a narrativa. Ele chamou esse processo de “o eclipse da narrativa”.

Aqui Braudel inova na própria concepção de história. Não se trata mais de explicar narrando e sim de problematizar a própria explicação; não são mais agentes individuais, mas entidades anônimas e coletivas; o tempo não se apresenta mais linear e sim como pluralidade temporal.

Outra inovação empreendida por Braudel, segundo Paul Ricoeur, refere-se ao tratamento que ele dá aos acontecimentos. O acontecimento passa a ser uma variável da intriga, perdendo aí seu caráter explosivo próprio da curta duração, revestindo-se de sintoma ou de testemunho. Assim, se na narrativa tradicional o acontecimento era o objeto fundamental de estudo, em Braudel ele surge como um aspecto da narrativa. Desta forma, a morte de Filipe II, comentada no final do último volume de *O Mediterrâneo*, apresenta-se como um marco nas intrigas altamente complexas que cercam o Mediterrâneo. Esta forma peculiar de tratar os acontecimentos demonstra a capacidade de Braudel em “*combinar em proporções variáveis o componente cronológico do episódio e o componente não-cronológico da configuração*” (Ricoeur, 1994, p. 320).

A narrativa braudeliana ultrapassou definitivamente a narrativa positivista de personagem/herói e, ao mesmo tempo, constituiu-se uma nova narrativa cujos personagens podem ser tanto um aspecto geográfico na longa duração, como um grupo social na média duração e até mesmo um rei na curta duração. A intriga presente nas obras de Braudel

aparece como hipótese, problema a ser investigado e também como elo de ligação entre as diferentes partes, ou entre cortes temporais. Seu texto, apesar da densidade de informações, torna-se de fácil leitura e compreensão devido à riqueza dos recursos literários utilizados.

No conjunto dos elementos que compõem a metodologia de Braudel, consideramos a escrita como o coroamento de um trabalho extenso e intenso. É a concretização de um estilo que tem como principal preocupação produzir uma história que forneça explicações.

Em resumo: a reconstrução de seu método historiográfico nos permite afirmar que sua escrita resulta de extensas pesquisas empíricas a partir de um alargamento do conceito de fonte histórica, com uma crítica radical a ela; apóia-se no uso do método comparativo e no diálogo interdisciplinar; a pluralidade temporal demonstra a convivência do arcaico e do novo no mesmo momento histórico e explicita as diferentes velocidades e profundidade das mudanças históricas.

As inovações no método historiográfico, empreendidas por Fernand Braudel, possibilitaram-lhe também renovações do conhecimento histórico. O exemplo mais cabal disso encontra-se em sua obra *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, na qual ele nos apresenta um estudo da formação histórica do capitalismo. Este se diferencia daqueles estudos que abordaram o mesmo objeto, interpretando-o a partir de premissas teóricas. Braudel, por sua vez, legou-nos uma compreensão deste fenômeno do ponto de vista do historiador.

O Capitalismo como fenômeno histórico

Para compreendermos a explicação braudeliiana para a formação histórica do capitalismo precisamos em primeiro lugar entender sua distinção entre economia de mercado e capitalismo. O historiador parte da concepção de que economia de mercado já existira muito antes do capitalismo e que ela subsiste após o desenvolvimento deste. A principal diferença entre esses dois níveis da economia é a liberdade de ação. Enquanto a economia de mercado obedece à lei da oferta e procura; o capitalismo distingue-se exatamente pela capacidade de fugir dessa imposição do mercado. Ele se caracteriza pela liberdade de escolha, pela formação de monopólios e outras estratégias que lhe permitem estar fora da “lei de mercado”. E por isso mesmo o capitalismo assegura lucros extraordinários.

Para Braudel o capitalismo: “... é um fenômeno de superestrutura, é um fenômeno de minoria, é um fenômeno de altitude...” (Uma lição, 1989, p. 78) e que se caracteriza por ser “... camaleão por estrutura; os camaleões mudam de cor, mas continuam sendo